

CASTORIADIS: A IMAGINAÇÃO RADICAL E O INCONSCIENTE PÓS-LACANIANO^{1; 2}

CASTORIADIS: THE RADICAL IMAGINATION AND THE POST-LACANIAN UNCONSCIOUS

CASTORIADIS: LA IMAGINACIÓN RADICAL Y EL INCONSCIENTE POSTLACANIANO

Fernando Urribarri³

Resumo: A interpretação abstrata de Castoriadis sobre Freud centra-se na ideia da imaginação radical. A introdução deste conceito na psicanálise tem consequências que afetam todos os níveis do projeto freudiano. Na opinião de Castoriadis, as percepções fundamentais de Freud não estão em disputa discussão/controvérsia, mas a referência à imaginação faz possível articulá-las em novas formas e construir pontes novas entre a psicanálise e a teoria social. Em sua capacidade como fonte da representação e do sentido significado, a imaginação radical é – junto com a pulsão – a "cofundação co-fundadora da psique". Uma reflexão ulterior, conduz Castoriadis a radicalizar o conceito do inconsciente e a introduzir a noção da mônada psíquica. Ao mesmo tempo, porém, seu conceito revisado de sublimação liga a psique ao mundo social-histórico. Em todas essas considerações, há afinidades significativas entre o trabalho de Castoriadis e as correntes pós-lacanianas da psicanálise francesa.

Palavras-chave: Castoriadis. Freud. Imagem Lacaniana. Inconsciente.

Abstract: Castoriadis interpretation of Freud centres on the idea of the imagination radical; the introduction of this concept into psychoanalysis has consequences which affect all levels of the Freudian Project. Castoriadis sees it, Freud's foundational insights are not indisput, but the reference to the imagination makes it possible to articulate them in new ways and build new bridges between psychoanalysis and social theory. In its capacity as a source of representation

¹ Artigo publicado pela primeira vez no Brasil em 2015, na Edição 7 da SIG Revista de Psicanálise.

² Artigo publicado originalmente em inglês na Tbesic Elates, n. 71, p. 40-51, nov. 2002. Tradução de Anabella Valéria Weisman.

³ Psicanalista, membro da APA (Asociación Psicoanalítica Argentina); professor convidado das Universidades de Paris X, Columbia of New York; discípulo e amigo de André Green e Cornelius Castoriadis, dirigiu dois Colóquios de Cerisy (Francia) dedicado a suas obras. Colaborou com A. Green na elaboração de seus livros desde 2001 até sua morte, e editou e prefaciou 5 volumes temáticos de seus artigos. Foi convidado a ministrar conferências em sociedades psicanalíticas de Paris, Londres, Roma, Berlin, Boston, México, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre entre outras e publicado em suas revistas. No Brasil foram publicados seus livros "Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo. Diálogos con André Green" (Blucher 2019), e "Porque André Green?" (Zagodoni 2022). Em 2024 vai ser traduzido do francês "Depois de Lacan: a mutação contemporânea" (Zahir). E-mail: f.urribarri1@gmail.com

and meaning, the radical imagination is – together with the instinct - a 'co-foundation of the psyche'; further reflection along those lines leads Castoriadis to radicalise the concept of the unconscious and introduce the notion of the primal monad, but at the same time, his revised concept of sublimation links the psyche to the social-historical world. In all these regards, there are significant affinities between Castoriadis's work and the post-Lacanian currents in French psychoanalysis.

Keywords: Castoriadis. Freud. Lacanian Imagination. Unconscious.

Resumen: La interpretación abstracta que Castoriadis hace de Freud se centra en la idea de la imaginación radical. La introducción de este concepto en el psicoanálisis tiene consecuencias que afectan a todos los niveles del proyecto freudiano. En la opinión de Castoriadis, las percepciones fundamentales de Freud no se discuten/controvierten, pero la referencia a la imaginación permite articularlas de nuevas maneras y tender nuevos puentes entre el psicoanálisis y la teoría social. En su calidad de fuente de representación y de sentido, la imaginación radical es – junto con la pulsión – la "cofundación cofundadora de la psique". Una reflexión ulterior lleva a Castoriadis a radicalizar el concepto de inconsciente y a introducir la noción de mónada psíquica. Al mismo tiempo, sin embargo, su concepto revisado de sublimación vincula el psiquismo al mundo sociohistórico. En todas estas consideraciones, existen importantes afinidades entre la obra de Castoriadis y las corrientes postlacanianas del psicoanálisis francés.

Palabras clave: Castoriadis. Freud. Imaginario Lacaniano. Inconsciente.

O trabalho psicanalítico de Castoriadis é marcado por duas distintas e decisivas características. A primeira é que sua preocupação central e estratégia teórica nunca foram exclusivamente psicanalíticas. Seu eixo principal sempre foi as questões social-histórica, a instituição imaginária, e a imaginação radical. Neste contexto, a psicanálise é uma base conceitual chave. A elucidação da psique desempenha um papel importante e fundamental, porém é um aspecto parcial de um tópico mais amplo. Sua conceitualização é um momento intermediário em um projeto mais abrangente que logicamente determina isso. Por exemplo, seu trabalho mais extenso, profundo e sistemático acerca da psique está contido no sexto capítulo de seu maior livro, denominado *Instituição Imaginária da Sociedade* (1987), cujo tópico geral é "o social-histórico".

O segundo aspecto é que Castoriadis considerou o trabalho de Freud não apenas como fundamental, mas, também, essencialmente verdadeiro e atualizado. Por isso ele se declarou "um freudiano fervoroso". Consequentemente, sua explicação da psique é baseada no modelo freudiano. Em suas próprias palavras, ele quer lançar luz sobre o modelo freudiano de uma perspectiva diferente, desde um ângulo novo e complementar. Ele propõe começar

da concepção freudiana, a qual não estamos prestes a melhorar ou reformular, mas sim esclarecer de outra forma, baseado em dois temas que provaram, sem sombra de dúvidas, ser pontos cegos: a instituição social-histórica e a psique como imaginação radical. (Castoriadis, 1987, p. 274).

Todavia, Castoriadis acabou por desenvolver uma abordagem original e perspicaz para os problemas psicanalíticos e produziu um trabalho psicanalítico considerável. Sua abordagem se deu em torno de dois principais eixos. O primeiro diz respeito ao projeto psicanalítico como parte do projeto de autonomia, com uma articulação única da teoria, da práxis e do projeto (que serve como um modelo para uma visão mais ampla da autonomia). A segunda diz respeito à elucidação do modo de ser da psique humana, tanto em sua singularidade irreduzível, como em seu relacionamento necessário e inseparável com o social-histórico. De forma semelhante, dois temas são centrais para a interpretação de Freud desde a perspectiva de Castoriadis. Um é o que eu denominaria de a introdução da imaginação radical na psicanálise. O outro é a elucidação da relação entre psique e sociedade no processo da socialização, baseado em um conceito original e ampliado de sublimação (Urribarri, 1998; Roudinesco, 1997).

Isso significa que Castoriadis – em claro contraste a Jacques Lacan – não tenta elaborar um modelo geral por si próprio e substituir o freudiano. O que tenta fazer é reativar o legado freudiano. A divergência de Lacan é uma das razões pela qual o trabalho psicanalítico de Castoriadis deve ser visto como uma parte da corrente pós-lacaniana, que tem transformado a psicanálise francesa contemporânea desde o início dos anos de 1970 (Green, 1990; Urribarri, 2001). O resultado geral (do trabalho de Castoriadis, assim como de outros autores pós-lacanianos) é uma ampliação do modelo freudiano e uma radicalização do projeto psicanalítico como um projeto de autonomia (Urribarri, 2002).

Nesse artigo discutirei três aspectos da re teorização de Castoriadis sobre o inconsciente: (a) a introdução à imaginação radical na psicanálise; (b) as consequências principais dessa inovação temática para a elucidação da psique e seu característico modo de ser (que constitui o núcleo do inconsciente), assim como os contrastes resultantes de ambas as concepções freudiana e lacaniana; e (c) a relação entre as ideias de Castoriadis e de Lacan no contexto da corrente pós-lacaniana na psicanálise francesa.

1 A INTRODUÇÃO DA IMAGINAÇÃO RADICAL NA PSICANÁLISE

Para colocar a questão da imaginação radical em perspectiva, devemos começar com a recapitulação de algumas ideias familiares. Como o ser humano é, para Castoriadis (1987), tanto um ser psíquico quanto social, a imaginação radical (vou me referir a ela como RI) é posta em ambos os níveis: como a imaginação radical da psique e como imaginário radical (ou *imaginaire instituant*) no nível social-histórico. No nível da psique, a RI é definida como o surgimento de um fluxo espontâneo de (e fonte da criação de) representações, afetos e desejo. Isso não cria primariamente imagens, mas um novo significado. O caráter radical desta “primeira” imaginação se distingue de suas contrapartes secundárias: as imaginações reprodutiva, espelhada e combinatória, entre outras. Finalmente, RI é, para Castoriadis, aquilo que diferencia a psique humana da psique animal. A última trabalha de acordo com a funcionalidade biológica e é determinada pelo instinto. A psique humana, ao contrário, não é funcional no que diz respeito à sua base biológica.

Para resumir, a RI tem quatro características: a espontaneidade e a heterogeneidade de seu fluxo; a criação de novos conteúdos; a emergência de novas formas; e a singularidade do fluxo imaginário. Em minha visão, a introdução da RI na psicanálise constitui uma operação conceitual específica, cujo significado

geral podemos e devemos tentar definir. O significado da operação geral determina o conjunto de reflexões de Castoriadis sobre a psique e sua relação com o modelo freudiano.

Minha tese é que esta operação consiste em introduzir um complemento à concepção freudiana da psique humana. Castoriadis propõe adicionar a imaginação radical à concepção básica de pulsão.

Conforme Andre Green (1990) indicou, o conceito-chave na psicanálise não é o inconsciente, mas a pulsão. O conceito de pulsão define a fundação da psique e fundamenta a teoria psicanalítica. Do mesmo modo, com a RI, Castoriadis tenta definir a base da psique e acrescenta uma nova fundamentação teórica para sua compreensão. Em outras palavras, Castoriadis aceita a ideia freudiana da pulsão como o alicerce da psique. O que ele indica, por exemplo, é que uma pulsão representa a energia decorrente de uma fonte somática, e que, como tal, não pode criar de si mesma e por si mesma uma representação. Este é exatamente o ponto no qual Castoriadis situa a RI como a fonte das representações e, assim, como cofundadora da psique. O resultado é a ideia de uma heterogeneidade irreduzível da psique, a qual é pulsão e representação. É energia (*Drang*, força) e sentido. Isso é o que nosso autor expressa quando fala sobre a criança como “um bocado de pulsões e imaginação”; ou quando fala sobre o caráter pulsional e monádico do umbigo dos sonhos, ou quando ele argumenta que pensamento – à medida que é mais do que a lógica formal – envolve a imaginação e a paixão humana (pulsões) ao mesmo tempo.

2 A ELUCIDAÇÃO DO MODO DE SER DA PSIQUE

2.1 SENTIDO

O primeiro princípio fundamental consiste em definir o sentido como a dimensão principal e elemento constitutivo da psique humana. O próprio ser da psique é definido como “sentido encarnado, sentido materializado” (Castoriadis, 1984, p. 10).

O sentido imaginário é especificamente psíquico. É criado pela psique de acordo com seu modo singular de ser. Como tal, é radicalmente diferente e irreduzível, tanto para o sentido funcional e ensídico da psique animal, quanto para as significações sociais. Para retornar à RI, a operação básica da psique é a imaginação. Isso implica um ponto importante de discordância com o pensamento freudiano. Como André Green (1990) indicou, Freud vê a liberação e a descarga de tensões desagradáveis como a função básica da psique. Castoriadis elucida assim o modo de ser da psique nos termos da RI, posicionando a criação do sentido imaginário, como sua dinâmica principal. Pode-se falar de uma predominância ou primazia do sentido imaginário e, portanto, da imaginação radical, dentro da psique humana.

Esta posição difere marcadamente da identificação de Lacan do sentido inconsciente com o simbólico (inspirado pela extrapolação estruturalista de Levi-Strauss da linguagem ao social), da noção da primazia do significante e sua (ilusória) formalização lógica. Castoriadis sublinha a primazia da imaginação como a fonte de sentido psíquico: aberto à elucidação e ao entendimento (como a interpretação psicanalítica ilustra), mas irreduzível para o funcionamento lógico (e a formalização) bem como para as significações sociais. Esta visão tem consequências no longo prazo, não menos importantes para a concepção do sujeito e sua relação com o social: para ser breve, a metafísica e a ideologia

HISTÓRIA

da alienação ontológica da psique à linguagem e da ordem simbólica, assim como a ideia de uma passividade interior e intrínseca do sujeito em relação ao sentido e significação.

Para Castoriadis, a demanda da psique para a significação imaginária é uma pré-condição de socialização. O desenvolvimento da psique, concebida como socialização, é definida como a mudança de sentido psíquico originário à predominância de significações sociais imaginárias, organizadas na/pela instituição social da linguagem. Esse processo “violento”, mas sempre parcial, necessita da participação ativa do sujeito. Se alguém não pode investir ativamente e criar sentido e prazer dentro de significações sociais, o processo de socialização não funciona e resulta em disfuncionalidades psíquicas graves (exemplificadas pelo autismo e personalidades “como se”).

Para o ego de um ser humano socializado, a primazia da imaginação radical também implica a habilidade potencial de questionar e examinar lucidamente as significações sociais (como, por exemplo, um discurso social, assim como uma identificação ou desejo individual ou pessoal). Isso é dizer que a imaginação radical é um dos fundamentos metapsicológicos de subjetividade reflexiva e criativa (embora não seja uma condição suficiente para sua formação).

2.2 REPRESENTAÇÃO

O trabalho psíquico é um processo que gera e dá forma ao sentido por meio da representação. A representação, ao contrário do afeto, tem uma qualidade, a qual torna possível produzir e organizar o sentido. Representar é ligar elementos diferentes numa forma, numa figura – em poucas palavras, uma representação, que (por definição) é parte de uma rede de representações. Essa é a razão da representação ser o modo fundamental do sentido na psique. Ela é sua principal e privilegiada sustentação (Castoriadis, 1987). A representação é o que permite à psique imaginar: ver algo onde não há nada. A representação é também o que permite o *quid pro quo* de ver algo como algo mais que ele não é. A representação é a condição e os meios de simbolização e, assim, da linguagem. A representação permite também à pulsão ter um embaixador, um representante, na psique. Graças à representação, a pulsão pode ser traduzida e expressa psiquicamente.

Para Castoriadis – ao contrário de Freud – as representações não podem ser derivadas das percepções. Mas, para ambos, “o inconsciente fala vários dialetos”, e, assim, a representação é concebida como heterogênea e plural. Em contraste com a subsunção reducionista de Lacan sob o significante linguístico – “o inconsciente é estruturado como uma linguagem ou “o inconsciente é uma linguagem” – Castoriadis mantém os diferentes tipos de componentes da psique estabelecidos por Freud (e tenta esclarecer a relação entre eles): a representação psíquica da pulsão, a representação-coisa, a representação-palavra e o afeto.

2.3 AFETO

Para Castoriadis, um dos componentes essenciais da psique é o afeto – mesmo no nível inconsciente. Sobre este importante ponto, ele radicaliza a posição tomada por Freud, que sempre foi ambivalente acerca do status topográfico do afeto e rejeita a exclusão absoluta do afeto feita por Lacan.

Castoriadis considera o afeto como sendo um dos elementos de fluxo da RI. Intrinsecamente, o afeto é desfuncionalizado e autonomizado. O afeto não é subordinado à representação, mas articulado com ela. O afeto pode causar e dinamizar o processo psíquico por si próprio. Não há nenhum relacionamento inequívoco entre o afeto e a representação. Isso significa que, ao contrário do resto das criaturas viventes, para o ser humano o afeto não está sujeito ao instinto biológico e aos imperativos funcionais da autoconservação. Essa é a razão por que o prazer e o desprazer não são nem simples sinais, nem partes de um aparelho de comportamento instintivo. A independência da sexualidade humana da função reprodutiva mostra que o prazer pode ser procurado como um fim em si mesmo. A autonomização significa também que a relação íntima do afeto com o corpo leva à criação: primeiramente como a criação do fluxo afetivo (como singular e determinante da singularidade de cada sujeito), e em segundo como a possibilidade de criação de novos afetos.

2.4 PRAZER

Conforme um afeto dominante, o prazer deve ser compreendido na relação com a demanda de sentido e o papel da representação. O resultado pode ser esboçado em duas indicações:

1. O sentido e o prazer são inseparáveis para a psique.

A psique original – e, então, o inconsciente – vive inteiramente sob o balanço do princípio do prazer. Neste estágio, a busca pelo sentido e a busca pelo prazer são inseparáveis. A psique original constitui-se como uma mônada fechada e funciona de acordo com seu próprio esquema: ego = completo = prazer = sentido. Esse esquema define a matriz final do sentido para a psique. Em um lado, estabelece o caráter inseparável do prazer e do sentido. No outro, estabelece a autoimagem e o autoinvestimento como alicerces últimos do sentido.

2. Para o ser humano há, quase desde o início, a predominância do prazer representacional sobre o prazer do órgão.

Aqui, por um lado, tem-se a ideia central de Castoriadis acerca do prazer representacional. Sua fonte freudiana é óbvia. É claro que, também, está associada com uma série de outras ideias freudianas. Em primeiro lugar, as ideias são a de “satisfação alucinatória” e de prazer fantasiado. A ideia do prazer representacional remete, igualmente, a outras contribuições do próprio Castoriadis, na medida em que reflete a habilidade da RI de criar representações como uma fonte de prazer. Por outro lado, há uma ideia implícita que eu gostaria de enfatizar. Trata-se do princípio do alicerce duplo da psique: pulsão e imaginação. A pulsão e a RI são as fontes do prazer do órgão e do prazer representacional, respectivamente.

A tese sobre a predominância do prazer representacional é também muito importante para a teoria da socialização. Dentro desta estrutura, o processo de sublimação é redefinido como uma trajetória de socialização do prazer representacional, e os objetos da sublimação são conceituados como significações sociais. Gostaria de salientar que a elaboração do que propus chamar de um conceito expandido de sublimação (Urribarri, 1999) é uma das contribuições mais importantes de Castoriadis para a elucidção da psique e a sua relação com a sociedade.

2.5 A PSIQUE ORIGINAL E A INCONSCIENTE

A primeira expressão da imaginação radical, a criação da realidade psíquica, tem relação com a autoconstituição do que Castoriadis chama a *mônada psíquica*. O termo “mônada” se refere ao fechamento original e completo da psique sob o balanço do princípio do prazer e ao encontro da satisfação de um modo autista. Nessa fase original, a representação, afeto e o desejo são unidos de uma maneira indissociável. Esta contração ou indissociabilidade do fluxo psíquico – que será modificado com o início do processo de socialização – define o que é chamado sentido originário ou monádico. “Nesta posição inicial radicalmente imaginária do sujeito encontra-se a primeira identificação; mais precisamente, a pré-identificação pressuposta em toda identificação” (Castoriadis, 1987, p. 297). Ao mesmo tempo, este sujeito psíquico original experimenta-se como uma fonte de prazer e como capaz de realizar este prazer; experimenta-se como satisfação imediata de cada desejo que possa surgir.

A pressão exercida pela necessidade somática e a presença de outro ser humano conduz à ruptura da mônada psíquica. Nesse momento, a psique se divide em três partes. Primeiro, um núcleo monádico que constituirá uma espécie de base para a psique, é separado. Segundo, há uma constituição separada do que denominamos de realidade psíquica, pela qual se entende o inconsciente como um fluxo da imaginação radical: esta é a fonte de alteração permanente, constituída pelos três “vetores” representação, afeto e desejo – não mais unificados, mas, agora, existindo relativamente independentes uns dos outros. E por último, há *uma imaginação constitutiva*, que articula a representação em conjunto com a “informação” vinda dos sentidos.

O rompimento da mônada dá origem ao conflito psíquico. Isto ocorre, por um lado, entre a realidade interna, como constituído pelo fluxo psíquico, e o mundo social. Por outro lado, o conflito é constituído pela tensão perpétua entre o núcleo monádico e o fluxo psíquico. O núcleo monádico rejeita este fluxo contínuo e espontâneo, que não mais se ajusta a ele.

Tudo isso conduz a uma teoria revisada do inconsciente. Sua heterogeneidade é reforçada e radicalizada. A teorização da modalidade monádica de ser da psique original leva Castoriadis a supor a existência de um núcleo monádico ou fundo do inconsciente.

O processo original é caracterizado pela unificação e pela contração da representação, afeto e desejo. Desde o ponto de vista da evolução normal da psique, o processo originário tem que ser articulado – e integrado – dentro do processo primário (que ao mesmo tempo “é magnetizado” pelo original). Mas o núcleo monádico permanece como um fundo na psique, e o processo original está sempre vivo e trabalhando. A organização do inconsciente dentro do processo primário e da fantasia inconsciente é, conseqüentemente, um momento secundário. Castoriadis chama isso de “a fase triádica”: a organização do inconsciente “alcançou” a separação e a diferenciação da representação, do afeto e do desejo; e isto torna possível a organização da fantasia nuclear inconsciente baseada na diferenciação e interrelação organizada (*misenscene*) do sujeito, do outro e do objeto.

Isto é mais que apenas uma inovação teórica. Piera Aulagnier (1975) demonstrou o papel clínico decisivo da elucidação do processo originário – e da falha da sua articulação com os processos primário e o secundário – na compreensão e no tratamento de pacientes psicóticos.

2.6 CRIATIVIDADE

Com respeito à RI, a psique é uma fonte da criação ontológica. Na psicanálise, na qual o funcionamento psíquico é tradicionalmente visto como focado no passado e na repetição, este reconhecimento da dimensão criativa é uma inovação significativa. Ao mesmo tempo, a emergência da alteridade radical e a novidade absoluta na psique implicam uma temporalidade que não pode nem ser reduzida à linearidade, nem à repetição. A RI abre, assim, uma nova perspectiva para pensar sobre o tempo psíquico. RI, em sua capacidade como fluxo criativo da realidade psíquica, é a própria criação de uma temporalidade singular para o sujeito. É por causa dessa temporalidade intrínseca que, para a psique, há uma história verdadeira. É por causa desta história que a mudança psíquica não é mera evolução, nem aprendizagem. Cada estágio no desenvolvimento psíquico é a criação de um mundo em seu próprio direito que dura na psique como um estrato (Castoriadis, 1997). Essa estratificação é sinônimo de uma temporalidade heterogênea. Esta temporalidade inerente e irreduzível da psique é a condição que permite sua incorporação de – e na – história social.

A elucidação da dimensão criativa da psique, e de sua estratificação heterogênea resultante, conduz Castoriadis a desenvolver uma teoria lógica nova: a lógica dos magmas. Nesta visão, o inconsciente – e a psique em geral – têm tanto uma dimensão lógica (que corresponde à lógica ensídica nos termos de Castoriadis: as lógicas formais e dialéticas baseadas na metacategoria de determinação) e uma dimensão poética (aberta ao novo, fonte de criação). Este última sempre pende sobre a primeira, mas não pode ser reduzida a isso, ao nível lógico, e nunca pode, portanto, nunca ser formalizado (em uma maneira matemática ou lógica). A psique tem um modo magmático de funcionar: seu processo pode ser elucidado, interpretado, mas não explicado. Isto é porque a ideia (ou o ideal) da psicanálise como uma “ciência do inconsciente” (Lacan) vai de encontro à natureza do próprio inconsciente.

2.7 O INCONSCIENTE E A IMAGINAÇÃO RADICAL

Neste ponto isso pode ser conveniente para tentar esclarecer um equívoco comum. Deixe-me fazer isso dando-lhes primeiramente uma definição “negativa”: a RI não é um outro nome para o inconsciente.

Como podemos definir a relação entre a RI e o inconsciente? *Figures du pensable*, publicação póstuma de Castoriadis, inclui uma entrevista que fiz com ele sobre sua teoria da psique. Lá, ele estabelece o seguinte: o inconsciente é uma das realizações da imaginação radical; a mais importante para nós, psicanalistas (Castoriadis, 1999, p. 242). De fato, a RI é coextensiva com toda a psique. Onde há uma representação, a imaginação necessariamente desempenha um papel. A capacidade de criar a representação, que é uma característica da RI, é postulada por Castoriadis como “transversal” com respeito à topografia psíquica. Isso participa decisivamente em espaços psíquicos diferentes e em processos diferentes. A topografia psíquica que define o inconsciente como um sistema não pode ser usada para situar e definir a RI. Ela está presente e ativa em ambos os lados da barreira do recalçamento.

Por outro lado, a introdução da RI torna possível melhorar nossa compreensão do inconsciente. Um bom exemplo desse esclarecimento do modelo freudiano é a questão do representante psíquico da pulsão, que constitui o núcleo do inconsciente. O surgimento do representante psíquico do impulso

pode somente ser compreendido como um trabalho da imaginação radical. Reconhecer a criatividade da psique é a condição para alguém ser capaz de tornar este processo psíquico fundamental inteligível.

Também podemos observar o funcionamento elementar do ego, e veremos claramente a RI em ação. Por exemplo, a RI participa decisivamente, mesmo na percepção. A percepção é somente possível graças ao que Castoriadis chama de “a imaginação perceptual”, a qual é uma dimensão da RI. Partindo de um estímulo externo registrado pelos sentidos, tais como uma onda leve (que, como sabemos, possui falta de qualidades cromáticas), a imaginação perceptual é capaz de criar uma cor que seja uma representação perceptível.

RI também desempenha um papel decisivo no ego consciente, visto que esta última não é pura identidade e repetição. A habilidade de pensar e de acolher novas ideias requer imaginação (sem imaginação radical, sublimação – o processo-chave da socialização humana e do desenvolvimento do ego – seria impossível). Se a imaginação não fosse parte do ego, não haveria a reflexão ou a poesia. A subjetividade autônoma, a reflexividade e a práxis são também expressões principais de RI no nível do ego.

3 PÓS-LACANISMO: ALÉM DE LACAN

A contribuição decisiva de Lacan, durante este período inicial, foi a de forçar as pessoas a pensar – e esse é o “paradoxo” de sua carreira que, conforme os anos passaram, ele passou a fazer tudo ao seu alcance para garantir que ninguém possa pensar por mais tempo. (Castoriadis, 1984, p. 99).

O modelo de Lacan, inspirado pelo estruturalismo, é um modelo profundamente reducionista. Reduz o imaginário ao especular, isto é, à segunda ou reprodutiva imaginação. Reduz o ego ao imaginário, definido como a alienação e o autoengano. Exclui assim a possibilidade de pensar lucidamente, e consequentemente da práxis. Reduz a representação para o significante linguístico, e o inconsciente para linguagem. Reduz a linguagem à dimensão enérgica do código, excluindo sua dimensão poética. Sob o termo simbólico, ele reduz o social ao instituído, de modo que a mudança social radical se torna impensável. Isso significa, também, que a época e a história, o surgimento do novo, são excluídos por definição. As existências individual e social são reduzidas à imagem da circulação repetitiva e infinita em uma faixa de Moebius (ver Lacan, 1967).

O trabalho psicanalítico de Castoriadis pode ser lido como uma resposta crítica – e uma alternativa – à estratégia de Lacan de substituir um modelo mais reducionista para o freudiano, e ao discurso ideologicamente reacionário derivado desta operação (Castoriadis, 1984). Ao mesmo tempo, ele aceitou algumas de ideias de Lacan e reconheceu seu papel importante na renovação da psicanálise nos anos de 1950. Tomou o lema de Lacan, “retorno a Freud”, mas interpretou-o de uma forma que fosse além de Lacan.

Esta posição em relação ao trabalho de Lacan é uma das razões pelas quais o trabalho psicanalítico de Castoriadis poderia ser visto como uma parte da corrente pós-lacaniana, que agora está ganhando espaço na psicanálise francesa. Essa tendência começou nos anos de 1960 como uma reação contra o discurso reducionista e dogmático de Lacan (bem como sua prática antiética da sessão ultracurta e o “culto da personalidade autoritária” em torno dele). Isso foi iniciado por um grupo de notáveis jovens psicanalistas (alguns deles discípulos anteriores de Lacan), como Jean Laplanche, J-B. Pontalis, André Green, Guy Rosolato, Conrad Stein, Didier Anzieu, Joyce McDougall, Piera Aulagnier e

Cornelius Castoriadis, entre outros. Ao contrário do lacanismo, o pós-lacanismo não é definido por uma organização institucional ou por um movimento unificado, mas como uma corrente intelectual funcionando de forma “transversal” dentro do campo cultural, acadêmico e profissional. Este grupo de pensadores desenvolveu seus projetos de forma diferente, singular, porém, convergente – e às vezes complementar. Alguns deles foram associados, desde o início da década de 1970, com as mais importantes coleções de livros e jornais como *Nouvelle Revue de Psychanalyse* (editado por J-B. Pontalis com André Green e Anzieu, entre outros), *Topique* (editado por Piera Aulagnier), *Etudes Freudiennes* (editado por Conrad Stein), e *Psychanalyse a L’universite* (editado por Jean Laplanche).

“Nem sem Lacan, nem somente dentro de Lacan” pode ser visto como o seu lema inicial. Mas, então, foram além de suas próprias premissas originais, superaram a fase negativa ou “crítica” e começaram a desenvolver uma perspectiva intelectual nova, uma nova aproximação detalhada para a teoria psicanalítica e prática. Depois do início na década de 1960, e com maior desenvolvimento na década de 1970, o pós-lacanismo entrou, assim, em uma fase de consolidação no início de 1980. Sua dominância na cena francesa é comumente reconhecida agora – mesmo por Elisabeth Roudinesco (1986), a historiadora lacaniana da psicanálise francesa.

Podemos dizer que os pós-lacanianos mantiveram a maior das perguntas de Lacan, mas não as suas respostas. Mas, na tentativa de encontrar novas respostas, eles também criaram novas perguntas. Como? Pela desconstrução de impasses teóricos e práticos de Lacan; pela radicalização do retorno a Freud; pela renovação da práxis clínica como um projeto de transformação; pela expansão do trabalho clínico aos pacientes não-neuróticos; pela reabertura do diálogo com os autores psicanalíticos estrangeiros (como Klein, Winnicott, Bion, Stoller e outros), bem como com as ciências sociais, a arte e o pensamento contemporâneo; pela pesquisa sobre novos tópicos; pela criação de novos conceitos e perspectivas. Resumidamente: por uma refundação do projeto psicanalítico baseado na ideia de sua irredutibilidade a algum outro domínio ou “ciência” (linguística, biologia, matemática, etc.) e na recuperação e renovação do método freudiano, e a articulação renovada da práxis psicanalítica com o projeto de autonomia.

Concluo, afirmando que posicionar o pensamento psicanalítico de Castoriadis dentro da corrente pós-lacanianiana pode ser útil de, pelo menos, duas maneiras (Urribarri, 2002). Primeiramente, uma leitura de seu trabalho no “diálogo” com os alguns dos autores em questão – por exemplo, André Green e Piera Aulagnier – pode lançar uma nova luz sobre ambos os lados. Em segundo, isto pode ajudar a reconhecer Castoriadis como o grande pensador psicanalítico que é – e não para reduzir seu pensamento a esta dimensão singular, mas para evitar a redução usual no sentido oposto.

4 OBSERVAÇÕES

1. Por causa do espaço disponível limitado, e a fim de focalizar na introdução da psique, vou supor a familiaridade com a dimensão social-histórica da imaginação radical como imaginário radical. Isso é dizer que eu convido o leitor a um diálogo baseado em um conhecimento compartilhado de ideias gerais de Castoriadis na instituição imaginária da sociedade.

2. Para mais informações adicionais, veja os seguintes trabalhos: Laplanche (1971); Green (1973); Aulagnier (1975); Pontalis (1977); e Urribarri (2001) e próximos.

REFERENCIAS

- Aulagnier, P. (1975). *La violence de l'interprétation*. Paris: Seuil.
- Castoriadis, C. (1984). *Crossroads in the labyrinth*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Castoriadis, C. (1987). *The imaginary institution of society*. Cambridge: Polity Press.
- Castoriadis, C. (1997). The state of the subject today. In C. Castoriadis, *World in fragments* (pp. 137-171). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Castoriadis, C. (1999). *Figures du pensable*. Paris: Seuil.
- Green, A. (1973). *Le discours vivant*. Paris: PUF.
- Green, A. (1990). *On private madness*. London: Free Associations.
- Lacan, J. (1967). *Ecrits*. Paris: Seuil.
- Laplanche, J. (1971). *Vie et mort en psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Pontalis, J.-B. (1977). *Entre le rêve et la douleur*. Paris: Gallimard.
- Roudinesco, E. (1977). Sublimation. In E. Roudinesco, *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Fayard.
- Roudinesco, E. (1986). *La bataille de cent ans*. Paris: Fayard.
- Urribarri, F. (1998). Psyche: Imagination and history. Castoriadis' psychoanalytical thought. *Free Association Review*, 7(43), part 3.
- Urribarri, F. (1999). Castoriadis: La sublimacion extendida. *Zona Erogena*, 45, B, 53-58.
- Urribarri, F. (2001). Despues de Lacan: El postlacanismo. *Zona Erogena*, 49, 3-6.
- Urribarri, F. (2002). Castoriadis: From imagination to autonomy. A post-Lacanian perspective. *Constellations*.